

# **A ESTRUTURA GRAFEMÁTICA DA COMUNICAÇÃO: notas de um pensamento comunicacional em Jacques Derrida <sup>1</sup>**

## **THE GRAPHEMATIC STRUCTURE OF THE COMMUNICATION: notes of a communication thinking in Jacques Derrida**

Luis Felipe Silveira de Abreu <sup>2</sup>  
Giovana dos Passos Colling <sup>3</sup>  
Alexandre Rocha da Silva <sup>4</sup>

**Resumo:** *O presente artigo propõe uma visada sobre as relações entre o pensamento de Jacques Derrida e a comunicação. Nos trabalhos do filósofo o termo possui presença tímida, ainda que se articule a aspectos fundamentais do seu projeto intelectual. O texto retoma, inicialmente, a incidência mais concreta desta relação, no debate que Derrida propõe sobre o sentido do termo Comunicação e sua operação iterável e performativa. Recuperamos a discussão, bem como o contexto em que ela emerge, de críticas a perspectivas transmissionistas. A seguir, retomamos as discussões de Derrida sobre mídias e tecnologias de comunicação, esparsas mas constantes em sua obra. E, em suas reflexões sobre os meios de inscrição, acreditamos ser possível entrever as repercussões da compreensão comunicacional prévia. A partir de então, pretende-se apresentar uma espécie de síntese de tais discussões, com apontamentos para um debate sobre a noção derridiana de Comunicação, a ser exposta e tensionada em seu caráter epistemológico.*

**Palavras-Chave:** Jacques Derrida. Gramatologia. Teoria da Comunicação.

**Abstract:** *This article proposes an overview of the relationship between Jacques Derrida's thoughts and the notion of communication. In the philosopher's work, the term has a timid presence, even if it is linked to fundamental aspects of his intellectual project. The text initially resumes the more concrete occurrence of this relationship, in the debate that Derrida proposes about the meaning of the term Communication and its iterable and performative operation. We recovered the discussion, as well as the context in which it emerges, from criticisms to transmissionist perspectives. Next, we resume Derrida's discussions about media and communication technologies, sparse but constant in his work. And, in his reflections on the means of registration, we believe it is possible to glimpse the repercussions of prior communicational understanding. From then on, it is intended to present a kind of synthesis of such discussions, with notes for a debate on the derridian notion of Communication, to be exposed and tensioned in its epistemological character.*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do XXIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 23 a 25 de junho de 2020.

<sup>2</sup> Doutorando em Comunicação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), paraluisabreu@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestranda em Comunicação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), giovanacolling@gmail.com.

<sup>4</sup> Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), doutor em Ciências da Comunicação pela Unisinos e pós-doutor na Université de Paris III, arsrocha@gmail.com.

*Keywords: Jacques Derrida. Grammatology. Communication's theory.*

---

## 1. Os traços de uma teoria

“Falar mete-me medo porque, nunca dizendo o suficiente, sempre digo também demasiado”, disse, tanto muito quanto pouco, Jacques Derrida (2014, p. 10).

Este medo que relata é a expressão de uma relação conflituosa com o comunicar, medo que marca de forma profunda, ainda que não de todo explícita, sua produção intelectual. Essa disputa exprime-se aí em uma sintética sentença: seu problema não é com os termos do conteúdo ou sua transmissibilidade, mas com as formas de sua expressão. Este medo, também, parece derivar daquilo que é inevitável: não obstante a dificuldade de calcular sua posologia, não se pode não falar.

\*\*\*

Mas alguns passos atrás, antes, para que precisemos onde se localiza esta reflexão, e porque ela abre os caminhos que pretendemos investigar neste artigo. Ainda que a Comunicação não seja tema principal dos escritos de Derrida, é possível divisar uma reflexão sobre a comunicabilidade e seus processos, com contribuições importantes a problemáticas correntes desses estudos. A partir de pesquisas em andamento<sup>5</sup> que se valem de leituras derridianas, pudemos perceber as diferentes e constantes iterações do problema da Comunicação em suas discussões; bem como, em paralelo, identificar pouca incidência destas contribuições no panorama contemporâneo dos trabalhos na área. Em uma análise dos anais do GT de Epistemologia da Comunicação da Compós, podemos perceber que, dentre 100 artigos

---

<sup>5</sup> ABREU, Luis Felipe Silveira de. “**A linguagem não pertence**”: fantasmas da propriedade em escrituras contemporâneas. 2019. Exame de qualificação para Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

COLLING, Giovana dos Passos. **Correspondências secretas**: a desconstrução escritural nos postais do *PostSecret*. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social - hab. em Publicidade e Propaganda) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

apresentados nos últimos dez anos, apenas quatro referenciam o autor<sup>6</sup>; e, mesmo assim, as citações são tímidas, algo marginais aos temas dos textos.

Timidez que é exemplar da presença incidental de Derrida no contexto mais amplo da área; explicável, talvez, pela aparente distância do autor das problemáticas comunicacionais. Valendo-se de um pensamento filosófico complexo, construído em torno de conceitos singulares e autorrecursivos como a *desconstrução* e a *différance*, Derrida parece pouco dizer diretamente a respeito de nossas questões. A partir de outras publicações, porém, pode-se começar a divisar um interesse por suas perspectiva: pensemos em obras como *O escavador de silêncios*, volume da Nova Teoria da Comunicação de Ciro Marcondes Filho (2004) ou, de modo mais direto, em *Comunicação e desconstrução*, resultado da tese de doutorado de Fernando García Masip (2014). Há aí um esforço de mobilizar as noções derridianas em prol de uma reflexão renovada sobre a Comunicação.

Tendo estas contribuições no horizonte, nos valendo de seu espírito heurístico, propomos aqui, porém, um certo desvio de objetivos. Ao invés do que nos valermos de Derrida para a proposição de uma outra Comunicação, tentaremos aqui identificar dentro de seu pensamento alguns indícios da *sua própria* concepção, no que trava relações com uma episteme estabelecida sobre a comunicabilidade.

O que seriam estes indícios? Buscamos estruturar o presente texto a partir deles, no que identificamos algumas linhas mestras a que se poderia chamar de “uma certa concepção derridiana de Comunicação”. De início, cabe retomar o papel que as concepções estabelecidas têm na sua reflexão, retomando a relação entre debates sobre comunicação e informação com a constituição do programa da Gramatologia. Podemos ver aí como o embate com modelos teóricos de comunicabilidade, como os estudos de Roman Jakobson e J.L. Austin, fomentam a necessidade de propor uma outra perspectiva, afinada às próprias proposições epistemológicas de Derrida. A partir disso, buscamos compreender como Derrida distendeu tais reflexões para uma atuação heurística, no que suas proposições conceituais se desdobram para a discussão de meios técnicos de produção de sentido. Meios de *comunicação* enquanto arquivos produtores

---

<sup>6</sup> Cf. *O Estranho Mundo da Informação – e da Materialidade – no campo da Comunicação*, de Liráucio Girardi Júnior (2016); *Sobre o tempo de incubação na vivência comunicacional*, de Ciro Marcondes Filho (2016); *Sobre o conceito de comunidade na comunicação*, de Eduardo Yuji Yamamoto (2013); e *A dissolução dos estudos culturais: consenso genealógico e indefinição epistemológica*, de Luís Mauro Sá Martino (2009).

de sentido: é o que podemos observar em escritos sobre suportes da escritura, que representam aqui um pensamento singular sobre o papel da mídia no circuito comunicacional.

Por fim, vê-se como tais inferências podem apontar para uma imagem outra da estrutura da Comunicação, imagem algo encoberta na filosofia derridana, a cujo escavação nos dedicaremos a partir daqui.

## **2. Os sentidos da Comunicação: contra os modelos de transmissão, pela performance própria**

Os problemas de comunicabilidade se infiltram desde o princípio do projeto da *desconstrução*, linha mestra da reflexão derridiana. Este debate, no que desenvolvido em livros como *Gramatologia* (2007) e *A escritura e a diferença* (2014), consiste na crítica de posições da filosofia ocidental. Mais especificamente, crítica daquilo a que chama *metafísica da presença*. O ponto fulcral, neste princípio, é uma reavaliação do que considera um fonologocentrismo da filosofia: considerar que a voz é o *significante primeiro*, “mais puro”, por estar mais “próximo” do significado. A escrita, considera mera grafia dessa voz, ocuparia um lugar de *significante segundo*, significante do significante: uma distorção, de saída contaminada por tal “excesso de mediação”. O que se coloca, diria Derrida, é essa manutenção do fenômeno, do *significado*, como transcendental e fixo: há um *sentido correto* nas coisas do mundo, do qual a mais adequada aproximação seria uma emissão “imediate” pelo sujeito e sua voz/fala. É contra tal perspectiva que a desconstrução se faz necessária enquanto ato de pensamento, na medida em que consiste em um processo de identificar tais posições e sua rigidez hierárquica; para, ato contínuo, desestabilizar essa estrutura.

Nestes termos que o fonologocentrismo se desfaz, na medida em que Derrida percebe uma latente inversão dos polos entre fala e escrita; positivando, assim, este termo excluído. Se considerada significante, toda enunciação é deslocada e descolada de seu significado – Derrida (1991b) fala de um *espaçamento* –; e sendo enunciação, necessariamente se inscreve, *se sulca no real*, sendo assim escritura. Bem como se coloca em *Gramatologia*:

É preciso agora pensar a escritura como ao mesmo tempo mais exterior à fala, não sendo sua 'imagem' ou seu 'símbolo' e, mais interior à fala que já é em si mesma uma escritura. [...] o conceito de grafia implica, como a possibilidade comum a todos os sistemas de significação, a instância do *rastro instituído* (DERRIDA, 2017, p. 56, grifo do autor).

Isto, em termos muito gerais, nos interessa resgatar para demonstrar como este projeto epistemológico se expressa diretamente na revisão de problemas teóricos correntes à época. Mais assumidamente, problemas da semiologia de Ferdinand de Saussure e – ponto de entrada para os nossos objetivos – sua utilização por Roman Jakobson na constituição de seus estudos linguísticos da Comunicação. É a crítica à estrutura binária do signo (significante/ significado), que enseja uma crítica aos modelos comunicacionais elaborados à época. Notadamente, Jakobson discute a semiologia em paralelo aos avanços nas pesquisas sobre cibernética e teoria da informação, indo propor um circuito linguístico para o estudo da comunicabilidade. Este sistema, muito próximo daquele proposto inicialmente por Shannon e Weaver (1975), mas infundido também pelos debates de Norbert Wiener e Edward Sapir, expressa-se explicitamente em ensaios como *Linguística e Teoria da Comunicação* e *Linguística e poética*:

Para se ter uma idéia geral dessas funções, é mister uma perspectiva sumária dos fatores constitutivos de todo processo lingüístico, de todo ato de comunicação verbal, O REMETENTE envia uma MENSAGEM ao DESTINATÁRIO. Para ser eficaz, a mensagem requer um CONTEXTO a que se refere (Ou "referente", em outra nomenclatura algo ambígua), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um CÓDIGO total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (ou, em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente, um CONTACTO, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação (JAKOBSON, 2007, p. 122-123, grifo do autor).

Interessado por semelhantes desenvolvimentos epistemológicos<sup>7</sup>, Derrida porém encontra problemas com este modelo: mesmo que Jakobson dobre a cibernética ao infundá-la com os desenvolvimentos da linguística estruturalista e da semiótica, seu modelo ainda traria resquícios de uma concepção metafísica. Haveria um remetente, externo à mensagem, com suas razões particulares a enviá-la, razões insondáveis ao processo, prévias à codificação. Haveria, sobretudo, a necessidade de um contexto, também exterior, apreensível de ponta a ponta, a permitir a inteligibilidade. Estas noções, para o filósofo, resgam a crença no significado como algo oculto e intocável, reserva moral do sentido. Como se a Comunicação não bastasse a si, como se fosse mero canal de outra coisa a comandar o modelo de fora.

Em entrevista a Julia Kristeva, em *Posições*, podemos ler uma formulação mais direta desta crítica à compreensão cibernética e sua reformulação linguística:

---

<sup>7</sup> A abertura de *Gramatologia* compara seu projeto intelectual à ideia de *programa* oriunda da cibernética, e cita Wiener em nota de rodapé logo em suas primeiras páginas. Moysés Pinto-Neto (2007) registrou em artigo a importância da cibernética, bem como de outros avanços científicos à época, para os escritos de Derrida e seus conceitos de desconstrução e escritura.

Incidindo sobre o modelo do signo, esse equívoco marca, pois, o projeto 'semiológico' mesmo, com a totalidade orgânica de seus conceitos, em particular o de *comunicação*, o qual implica a *transmissão* encarregada de fazer passar, de um sujeito a outro, a *identidade* de um objeto *significado*, de um *sentido* ou de um *conceito*, separáveis, de direito, do processo de passagem e da operação significante (DERRIDA, 2001b, p. 29, grifo nosso).

Tais ordens de crítica prosseguem no trabalho posterior da desconstrução. O termo da comunicação, até então tímido, mero instrumento na discussão sobre a forma do signo, vai se desenvolver de forma abrasiva. É perturbado por ele, sua estranha conceituação, que se desenvolve mais além o incômodo registrado em *Posições*. Como tentativa de compreender tal perturbação, Derrida constrói todo o ensaio *Assinatura, acontecimento, contexto* (1991a), apresentado como conferência em 1972, em torno do vocábulo. “É certo que à palavra *comunicação* corresponde um conceito único, unívoco, rigorosamente dominável e transmissível: Comunicável?” (DERRIDA, 1991a, p. 11, grifo do autor), é a frase que abre o texto, abrindo o jogo de sentidos que o guiará. Em uma provocação, Derrida se pergunta o que comunica a comunicação. Isto o leva a retomar o que se entende, à época, por comunicável, em referência indireta ao modelo de Jakobson. Uma vez mais, retoma a ideia da transmissão para criticá-la, levada como mero veículo de um sentido único, exterior, independente deste meio de transporte.

Mas se tomamos a escrita como algo mais que um meio inocente, a Comunicação também não poderia ser avaliada assim; mais que apenas significado (“mensagem”, para retomar a nomenclatura que se coloca em xeque), é também significante, expressa em significantes outros, expressos sempre em cadeia, na materialidade da própria inscrição. Como vai concluindo, de forma oblíqua, a pregar uma compreensão mais extensiva do termo, Derrida (1991a, p. 36) afirma que “na qualidade de escrita, a comunicação, que se tome cuidado com essa palavra, não é o meio de transporte do sentido, a troca das intenções e dos querer-dizer, o discurso, e a ‘comunicação das consciências’”.

O desenvolvimento ulterior desta concepção própria, disseminante, de Comunicação, ocorre nesse ensaio pela tensão com outra corrente teórica, de penetração nos estudos da área, e de claros paralelos com a gramatologia: a ideia dos atos de fala de J.L. Austin (1990), desenvolvida pelo filósofo desde os anos 1940.

Nesta teoria, Austin propõe uma compreensão dos gestos de comunicação tendo em vista o caráter *performativo* da linguagem. Os atos de fala se dividiram em dois tipos: aqueles

mais próximos de uma concepção transmissiva, então corrente, da linguagem, seriam os *constativos*, aqueles que se referem a algo, apontam um estado-de-coisas-no-mundo. Seu principal interesse, porém, recairá sobre a outra ordem de fala: a *performativa*. São enunciados que não indicam nada para além do próprio ato de enunciação; realizam no próprio exercício de linguagem os sentidos que buscam acionar. O pronunciamento de um batizado ou o aceitar dos noivos, a profissão de uma sentença ou o inventário de uma herança: são atos de fala que não descrevem as ações que operam, mas realizam no próprio rito da comunicação seu sentido (cf. AUSTIN, 1990).

Não é difícil entender por que tal reflexão passa a interessar a Derrida. O que Austin avança nas teorias linguísticas é bem o que buscaria apontar Derrida com a positivação da escritura-enquanto-suplemento: a percepção da ausência de sentidos transcendentais, alheios (ou, pior, anteriores) à sua inscrição. A fala performativa é, ela própria, a performance dessa teoria, no que chama atenção a uma condição material e a um caráter estritamente *produtivo* da linguagem. Porém, o método de leitura derridiano sabe fazer seus inimigos potenciais mesmo no seio das aparentes afinidades; e sua apreciação da teoria de Austin vai acabar por buscar iluminar ainda um ranço metafísico. Pois o que se aponta é que a concepção austiniana do performativo, se atua contra o *significado* transcendental, ao avaliá-lo nos termos de ser bem ou malsucedido, segundo uma intencionalidade da enunciação, acaba por manter o sentido colado a um *sujeito* transcendental. Se o sentido de um “sim” ou um “eu prometo” só se realiza ao completar um propósito ulterior do enunciante, estamos ainda no estranho espaço de um apelo à exterioridade.

É como um retorno do remetente jakobsoniano<sup>8</sup>; e assim que Derrida resgata daquele modelo também o problema do *contexto*. Há um requerimento, no ato de comunicar, a um valor de contexto; constituído por alguns elementos identificáveis, dentre os quais Austin elege a “consciência”, a presença consciente de um sujeito falante a definir os rumos intentados por sua fala: um emissor novamente resgatado à cena da Comunicação. “Por isso, a comunicação performativa volta a ser comunicação de um sentido intencional, mesmo que esse sentido não tenha referente na forma de uma coisa ou de um estado de coisas anterior ou exterior” (DERRIDA, 1991a, p. 22). Mas se a provocação é pensar a Comunicação não mais como

---

<sup>8</sup> Ainda que o remetente em Jakobson esteja vinculado à função expressiva, há a necessidade de uma intenção direta do emissor enquanto codificador, diferentemente das teorias norte-americanas em que há pragmaticamente um remetente, uma mensagem e um destinatário.

transmissão de uma consciência externa, não se poderia compreender essa necessidade de manutenção do enunciante como elemento condicional ao sentido – e a teoria dos atos de fala, de aliada, passa a parecer mais uma concepção teleológica da linguagem, em que “nenhum *resto* escapa à totalização presente” (DERRIDA, 1991a, p. 22).

Ora, não se poderia conceber a escrita (e a Comunicação, nestes termos) *senão* enquanto *resto*; e Derrida parte da própria concepção representacional para demonstrá-lo. Afinal, dentro dessa lógica, a escrita supre uma falta; a falta justamente do enunciante no momento da enunciação. Há um vazio constitutivo ao exercício da escritura. Daí todo traço ser inscrito e, pela força dessa inscrição, liberto da presença do inscritor/emissor. O rastro como dispositivo de sentido autônomo e nômade evade todas as garantias de autoridade, já que cumpre seu caminho apartado das intencionalidades; inscrever não seria *senão* “produzir uma marca que constituirá uma espécie de máquina, produtora, por sua vez, que meu futuro desaparecimento não impedirá, em princípio de funcionar e de dar, dar-se a ler e a reescrever” (DERRIDA, 1991a, p. 20).

Esse caminho aparta-se do “enunciante consciente”, pois a escrita, mesmo na visada representacional, dirige-se sempre a outro lugar. Mas mesmo este outro lugar é oco; a escrita, enquanto marca, tem de ser durável para além de um primeiro momento da leitura, subsistindo a uma cena inicial de “recepção” – se não, reconstituiríamos o privilégio da presença, agora pelo outro polo do diálogo. “Um signo escrito avança na ausência do destinatário”, comenta Derrida (1991a, p. 18). Continua: “É preciso, como se vê, que minha ‘comunicação escrita’ permaneça legível, apesar do absoluto desaparecimento de todo destinatário ou do conjunto empiricamente determinável dos destinatários. É preciso que seja repetível – iterável – na ausência absoluta de destinatário ou do conjunto empiricamente determinável dos destinatários” – e aí forja essa ideia da *iterabilidade* como condição comunicativa da linguagem na escritura.

O termo, que Derrida retira do sânscrito *itara*, quer dizer *outro*. Ora, assim só há outridade na linguagem: tudo que se recebe vem de outro e o que enuncio torna-se alteridade no mesmo instante em que se inscreve no mundo. Essa disseminação, no âmbito da iterabilidade, consiste na inexistência de uma reserva de sentido alheia ao ato de inscrição performativa. Se nenhum signo pode ser atribuído a alguém, bem como se dirige a outro ninguém, o que esses rastros transmitem é mesmo seu próprio potencial de percurso, seu oferecimento a uso e ao reuso: “A possibilidade de repetir e, pois, de identificar as marcas está

implicada em todo código, faz deste uma grade *comunicável*, transmissível, decifrável, iterável por um terceiro, depois para todo usuário possível em geral” (DERRIDA, 1991a, p. 19, grifo nosso). A comunicabilidade dá a volta: o que a faz ela mesma seria agora sua capacidade (mesmo necessidade) de ser repetida indeterminavelmente, à parte uma cena rígida delimitada por atores como remetentes e destinatários. Mas isto não quer dizer de uma outra metafísica, ou ainda pior, de um generalismo filosófico, em que a noção de “mensagem” vaga solta pelo processo, vindo do nada e indo a lugar algum. Para Derrida, o performativo e a ideia de rastro parecem reenfocar o modelo transmissivo, nos fazendo pensar na *materialidade* da inscrição como seu caráter comunicacional. Materialidade que nos termos clássicos trataríamos como o canal ou o meio. Como isto aparece em Derrida?

### 3. Ecografias midiáticas: a questão dos meios de inscrição

Pois a inscrição não é metáfora, nunca o foi. A própria noção de escritura, alargada em relação à ideia da notação-gráfica-de-sinais-semânticos, que guia a *Gramatologia*, nasce da observação dos *meios de inscrição no real*: “não apenas os gestos físicos da inscrição literal, pictográficas ou ideográfica, mas também a totalidade do que a possibilita” (DERRIDA, 2017, p. 9). Escrituras mesmas, mas também – e são os exemplos utilizados por Derrida aí – cinematografia, pictografia, fonografia. A inscrição, portanto, dá-se por meio técnico, é uma *telecomunicação*, como define a escritura em *Assinatura, acontecimento, contexto* (DERRIDA, 1991a).

O problema do “canal” no processo de escritura aparece, como se vê, já no princípio de seu projeto intelectual. Exemplo paradigmático, e constituição de uma imagem forte ao problema comunicacional que vamos divisando em sua obra, é o caso da máquina de escrever. No ensaio *Freud e a cena da escritura* (DERRIDA, 2014), retoma o ensaio em que Sigmund Freud discutia o Bloco Mágico, máquina de escrita, comparada aí ao próprio funcionamento do aparelho psíquico. Para além das implicações disto para a teoria psicanalítica, que interessa também a Derrida desconstruir, nos detenhamos neste estranho aparelho e o papel que desempenha na elaboração do conceito de escritura. A chegada a uma máquina de escrita como figura que estabelece *a cena da escritura*, à parte da simples escrita com a mão a um papel, ressalta, por meio do funcionamento do aparelho técnico, a necessidade de uma *materialidade* sem a qual o traço não existiria. A relação que estabelece com o funcionamento da psique

também nos aponta que a cognição ocorre apenas nesta relação/notação. O “conteúdo”, de uma mensagem ou de um processo psíquico, não se dá senão na sua performance de inscrição.

Isto reforça o debate prévio sobre a ausência constitutiva no momento da inscrição. Toda inscrição é telecomunicação, pois se realiza na distância do sujeito. Só é possível por esta distância: “Os traços não produzem, portanto, o espaço da sua inscrição senão dando-se o período da sua desapareição. Desde a origem, no ‘presente’ da sua primeira impressão, são constituídos pela dupla força de repetição e de desapareição, de legibilidade e de ilegibilidade” (DERRIDA, 2014, p. 331).

Relação mais estreita da máquina de escrever com a Comunicação Derrida irá traçar ao recuperar o debate com a filosofia da linguagem de Austin no ensaio *Fita de máquina de escrever. Limited Ink II* (DERRIDA, 2002). A figura da máquina se alia às discussões sobre o performativo de Austin, e faz pensar sobre a performance de escrita diante do aparelho. *Pelo aparelho*:

Como esse ‘acontecimento textual’ inscreve a si mesmo? O que é a operação de sua inscrição? O que é a máquina de escrita, a máquina de escrever, que tanto produz quanto arquiva? O que é o corpo, ou mesmo a materialidade que confere a esta inscrição tanto um suporte quanto uma resistência?<sup>9</sup> (DERRIDA, 2002, p. 114)

Deste breve trecho, catalisador, podemos deprender algumas inferências da teoria derridiana. De início, reforça-se a ideia de que a escritura é sempre mediada tecnicamente. Mesmo que “inscreva a si mesmo”, no momento da própria iteração, demanda uma operação gráfica, que a materializa no mundo por meio de um canal. Canal este que atua como *produtor e arquivo*. A esta figura do arquivo voltaremos em breve, mas de momento cabe apontar outra característica da escrita telecomunicativa que a figura da máquina de escrever acaba por denotar. Sua modelização por meio da mídia que a inscreve: o corpo da máquina, que é tudo aquilo que a inscrição pode conhecer no momento de sua produção, atua como suporte, mas também como resistência. Não é um corpo dócil, tábula rasa. Daí Derrida insistir, neste texto, na *fita* da máquina, finita, limitada, que acaba por condicionar as possibilidades da iteração (cf. DERRIDA, 2002, p. 122).

Isto acaba por voltar à questão do arquivo, aí aludida. O conceito de arquivo é trabalhado por Derrida em *Mal de arquivo* (2001a) não somente pelo viés técnico, de debate

---

<sup>9</sup> Tradução nossa. No original: “How does this ‘textual event’ inscribe itself? What is the operation of its inscription? What is the writing machine, the typewriter, that both produces it and archives it? What is the body, or even the materiality that confers on this inscription both a support and a resistance?”

dos meios de registro e salvaguardo da escritura (ainda que tal reflexão, iniciada também sobre a obra de Freud, parta disso). Dirige-se sobretudo ao desenvolvimento das problemáticas epistemológicas que a ideia do arquivamento suscita. O arquivo é tratado como um momento necessário à iteração, sendo o espaço onde o trânsito dos rastros se *consigna* – onde signos disparatados reúnem-se, pelo gesto de um arquivista (que não é um sujeito-individualizado-enquanto-consciência, mas uma espécie de força contingente ao suporte; pensemos, em um exemplo contemporâneo, nos algoritmos digitais). Este poder de seleção e reunião, a que Derrida chama de *arcôntico* (2001a, p. 14), é o que produz o sentido de um arquivo: ainda que cada signo ali identificado e abrigado possuísse sua significação própria, estas se esfumam no suporte do arquivo, que significa por acúmulo e seleção. É o que o aproxima do quase-conceito de *meio* que a máquina de escrever já suscitava, na medida em que concebe o canal como espaço não transmissivo, mas mesmo assim *criativo*:

É outra maneira de dizer que o arquivo, como impressão, escritura, prótese ou técnica hipomnésica em geral, não é somente o local de estocagem e de conservação de um conteúdo arquivável passado, que existiria de qualquer jeito e de tal maneira que, sem o arquivo, acreditaríamos ainda que aquilo aconteceu ou teria acontecido. Não, a estrutura técnica do arquivo arquivante determina também a estrutura do conteúdo arquivável em seu próprio surgimento e em sua relação com o futuro. O arquivamento tanto produz quanto registra o evento. *É também nossa experiência política dos meios chamados de informação* (DERRIDA, 2001a, p. 29, grifo nosso).

Levar este problema do arquivo para o pensamento sobre as mídias parece inevitável, portanto. Todo arquivo é como um meio de informação, e vice-versa. A experiência inexoravelmente política no trato com estes tornar-se-ia inescapável de ser pensada por uma obra que se estendeu até os anos 2000. Em alguns textos da parte tardia de sua obra, Derrida acaba por reinserir tais reflexões no âmbito das novas tecnologias de comunicação. Nas entrevistas de *Ecografias da televisão* (DERRIDA; STIEGLER, 2002) ele é questionado justo neste ponto: se a escritura era já telecomunicação, o que a televisão e as novas mídias demandam daquele pensamento.

A resposta começa por concordar nesse símile, mas acaba por apontar discontinuidades neste desenvolvimento da informação. Pois tanto as características singulares da mídia eletrônica quanto sua recrudescente difusão pelo cotidiano demarcam uma nova experiência com os meios de inscrição. Há uma singularidade, na televisão sobretudo, que diz respeito à captura do *ao vivo*: Derrida reflete que quando um escritor dos séculos passados inscrevia suas mensagens, perdíamos este momento. Tínhamos, claro, sua inscrição e seu suporte (este é,

como destacamos, ponto fulcral da reflexão), mas perdíamos o gesto em si. Com a comunicação temos gravação de câmeras, reflete, ganhamos a possibilidade de receber as mensagens *enquanto se inscrevem*. Longe de reificar a presença do “ao vivo”, isto leva Derrida de volta a uma torção do modelo comunicacional: “[...] vivemos um momento singular [...] que é vivo, que pensamos como vivo, mas que será reproduzido como *ao vivo*, com uma referência a este presente e este momento, em qualquer lugar e em qualquer tempo, semanas ou anos daqui para frente, reinscrito em outros enquadramentos ou ‘contextos’<sup>10</sup>” (DERRIDA; STIEGLER, 2002, p. 38).

Esta produção contínua de tantos presentes quanto possíveis, coexistentes mas concorrentes, leva Derrida a pensar estas mídias como *artefatualidades*, palavra-valise que reúne “artefatos” e “atualidades”, para ressaltar o caráter artificioso deste ao vivo. O que acaba, também, por erodir a noção de contexto, de volta à crítica do princípio do projeto gramatológico. Pois não há exterioridade ao presente midiático, que cria, por meios técnicos, seu próprio contexto, irrepetível pois específico a tal iteração. Porque

quando assistimos televisão, temos a impressão de que algo está acontecendo *uma só vez*: que não irá acontecer de novo, que está vivendo, está ao vivo, em tempo real, ainda que saibamos, por outro lado, que está sendo produzido pelas mais fortes e já sofisticadas máquinas de repetição<sup>11</sup> (DERRIDA; STIEGLER, 2002, p. 89, grifo do autor).

Primeira vez e repetição, iteração e produção. A característica midial da televisão potencializa ao paroxismo as características da inscrição, em um radical exemplo de como operaria uma *codificação* neste entendimento da comunicabilidade de Derrida. A ver com o meio e o suporte, sim, mas tomando-o não como canal (no que este termo carrega a ideia de um transporte transparente), mas como um sistema de notações sobre as notações, que alarga o espaçamento da significação; leva o sentido da Comunicação além, na direção de mais Comunicação, pois existente apenas na medida em que repetível, e cada repetição inaugura seu próprio presente.

#### 4. Uma noção derridiana de Comunicação?

<sup>10</sup> No original: “[...] *we are living a very singular, [...] that is live, that we think is simply live, but that will be reproduced as live, with a reference to this present and this moment anywhere and anytime, weeks or years from now, reinscribed in other frames or 'contexts'*”.

<sup>11</sup> No original: “*When we watch television, we have the impression that something is happening only once: this is not going to happen again, we think, it is "living", live, real time, whereas we also know, on the other hand, it is being produced by the strongest, the most sophisticated repetition machines*”.

Se a discussão sobre os modelos é o campo arqueológico onde foi possível iniciar esta escavação sobre uma reflexão comunicacional em Derrida, por ela que podemos voltar ao sintetizar estes achados até aqui.

Cabe retomar que Derrida, ainda que construa uma crítica à concepção de Jakobson e seus intercessores, constrói toda sua objeção *por dentro* daquele sistema, utilizando seus termos e sua lógica geral. Isto corresponde a um dos fundamentos reflexivos do projeto desconstrutivo, que não acredita em “cortes epistemológicos” como forma de avançar o conhecimento; eles apenas abrem rasgos pontuais em um tecido cujas tramas voltam sempre a se retrançar. O caso é de ver fio a fio suas possibilidades, aqui e ali tentar um nó; em sua ideia de ciência, a ação experimental é a de “transformar os conceitos, deslocá-los, voltá-los contra seus pressupostos, re-inscrevê-los em outras cadeias, modificar pouco a pouco o terreno de trabalho e produzir, assim, novas configurações” (DERRIDA, 2001b, p. 30).

Assim, percebe-se que a *função-remetente* no processo derridiano de comunicação é entendida como a ação performativa da inscrição, não tendo importância para a produção de sentido na mensagem a consciência e a intencionalidade. O papel atribuído a tais elementos por teorias pregressas, sintetizado na *função-contexto*, acaba por se redistribuir, passando a existir na *função-contato*, contudo, livre de conexões psicológicas. A esta função, enquanto suporte, e não veículo, cabe à ação de *codificação* por meio de sua própria constituição material.

Esclarecidos tais pontos, com papéis definidos a tais funções, resta apenas uma insondada, justo aquela que nos permite divisar a forma anômala que vai adquirindo o sistema: o destinatário. Nesta comunicação de caráter iterável e performativo, processada por suportes singulares e autônomos, que papel se destina ao receptor do sentido?

Em *Ecografias*, Derrida (2002) se permite especular diretamente sobre isto, no que se diz contrário a uma ideia de “interatividade” presente no discurso das mídias. Sobretudo no âmbito da comunicação eletrônica, é difícil ao destinatário compreender as codificações ao longo do processo; e esta dissemetria tornaria fantasioso pensar que o destinatário tenha igual poder sobre a significação daquela mensagem. Porém: “isto não é razão para abandonar o destinatário à passividade, e não militar por todas as formas, sumárias ou sofisticadas, de direito

de resposta, direito de seleção, direito de interceptação, direito de intervenção<sup>12</sup>” (DERRIDA; STIEGLER, 2002, p. 58). Há uma questão política aí, claro, que se dá no contexto de um recrudescimento da influência social nos meios de comunicação, em face da qual Derrida propõe uma espécie de “educação midiática”, bem como uma democratização da informação. Mas isto demonstra também, nesse elencar dos *direitos de intervenção*, que a recepção da Comunicação não é um ponto de chegada; se não, mais uma partida. O destinatário, sob tal perspectiva, adquire importância também na codificação das mensagens, adquire capacidade de tomar aqueles signos e partir para outras iterações. Sob o ponto de vista performativo, a ser adotado aqui, entende-se que a leitura<sup>13</sup> *parasita* o ilucutório, o cita e re-cita, o recodifica. Leiamos a operação na comunicação literária, descrita por Derrida (2018, p. 118):

[...] a performance da obra produz ou institui, forma ou inventa, uma nova competência do leitor ou do destinatário, que, desse modo, torna-se um contrassinatário. Ela lhe ensina, se ele estiver disposto, a contra-assinar. O que interessa aqui é, realmente, a invenção de um destinatário capaz de contra-assinar e de dizer “sim”, de uma forma comprometida e lúcida. Mas esse “sim” é também uma performance inaugural, e dessa forma reencontramos a estrutura da iterabilidade que nos impediria, neste ponto, de fazer uma distinção rigorosa entre a performance e a competência, bem como entre produtor e receptor. Tanto quanto entre o destinatário e o signatário, o escritor e o leitor.

Isto se faz forçoso pensar pois a escritura (a telecomunicação) avança *na ausência de seu destinatário*, lembremos do argumento de *Assinatura, acontecimento, contexto* (DERRIDA, 1991a). Mas tal ausência não é empírica, necessariamente, mas estrutural. Um traço se inscreve em um suporte e isto basta a si; mas o que não quer dizer que não possa ser tomado e lido. E lido, contra-assinado, tomado para a produção de um novo sentido quando inscrito em suportes outros.

Tais elementos ficam bastante aparentes na discussão que Derrida faz sobre em *O cartão-postal* (2007), quando se debruça sobre a escritura de correspondências. No envio de uma carta, os papéis de remetente, destinatário e meio são bastante aparentes. E neste processo de envios, Derrida irá propor pensarmos tal trajeto como menos linear do que aparenta, na medida em que as codificações da escrita de uma carta podem ser várias, bem como seu processo de remessa, não regulado pela transparência de um canal direto, como um modelo

---

<sup>12</sup> No original: “*But this is no reason to abandon the addressee to passivity and not to militate for all forms, summary or sophisticated, of the right of response, right of selection, right of interception, right of intervention*”.

<sup>13</sup> Leitura aqui como um termo plural, relativo à recepção das escrituras, mas que não se resume a uma perspectiva logocêntrica e deve-se entender também como leitura de imagens, leitura de transmissões audiovisuais, leitura de informações táteis, etc.

ideal suporia. Há indecidibilidades nas raízes de cada um destes polos, relativas à "preeminência do significante sobre o sujeito", que o leva a questionar: "Quem escreve? Para quem? E para enviar, destinar, expedir o quê? Para que endereço? [...] não sei. Sobretudo eu não teria tido o menor interesse nesta correspondência e neste recorte, quero dizer, nesta publicação, se alguma certeza tivesse me satisfeito quanto a isso" (DERRIDA, 2007, p. 11). De modo análogo, o "polo de saída" também se encontra indefinido – o que introduz na carta uma tendência de retorno a seu ponto de início. Pois a chegada a um destinatário não é uma regra: "uma carta não chega sempre a seu destino e, posto que isso pertence à sua estrutura, pode-se dizer que ela nunca chega lá verdadeiramente, que, quando chega, seu poder-não-chegar a atormenta com uma deriva interna" (DERRIDA, 2007, p. 535). O sistema da comunicação postal é, portanto, aberto, infinitamente aberto, remetendo à ideia de *jogo* tão cara à sua filosofia: uma estrutura sem centro, identificável nos seus efeitos (cf. DERRIDA, 2014).

O modelo da comunicação postal interessa aqui como uma espécie de *sinédoque* do modelo comunicacional mais amplo, demonstração do todo por uma parte de igual operação, um experimento fractal de descrição científica. Pois é essa indecidibilidade essencial a todo e cada ato de comunicação, paradoxalmente ensejada pela ação concreta da performance (na medida em que ela ocorre e inscreve, mas liberta, ato contínuo, a inscrição para seu trânsito singular), que levará a divisarmos em Derrida a *estrutura grafemática da Comunicação*.

"A diferença, a ausência irreduzível da intenção ou de assistência ao enunciado performativo, o enunciado mais 'eventual' que seja, é o que me autoriza, levando em conta predicados que recordei a pouco, a pôr a estrutura grafemática geral de toda a 'comunicação'" (DERRIDA, 1991a, p. 34), sentencia lá naquele ponto de confronto mais direto com as Teorias da Comunicação. É esta estrutura grafemática que tentamos compreender até aqui, neste modelo que privilegia o grafo – a inscrição – como momento da Comunicação, a *contaminar* todo o circuito e, de mesmo modo, a se deixar modular pelas iterações que ocorrem neste. Ainda que mantenha o nome de estrutura, o chamado de modelo, se compõe na oposição a um sistema fechado. É possível perceber uma certa "disfunção ou desajustamento, uma certa incapacidade de fechar o sistema" (DERRIDA; FERRARIS, 2006, p. 18) nos próprios textos que pretendem assegurar concepções totalizantes: é este o objetivo mesmo do projeto desconstrutivo, demonstrar uma força de autodesestabilização inerente a toda operação de pensamento. Em relação à Comunicação, a noção de sistema aberto existe inevitavelmente pela própria constituição da escritura, que enquanto rastro comanda seus desencadeamentos. E, de

mesmo modo, a desconstrução se investe com “a oportunidade e a força, o poder da *comunicação*” (DERRIDA, 1991a, p. 37, grifo do autor), pois é pela investigação destes processos específicos de comunicabilidade que se podem avançar nas suas novas configurações epistemológicas.

\*\*\*

Assim que, lembrando aquele jogo semântico que abre *Assinatura, acontecimento, contexto*, podemos compreender que o jogo de sentidos contido no termo “comunicação” – coexistência de distintos vetores semânticos, não-complementares, mas não compreensíveis fora de suas vizinhanças – é metonímia para a própria operação do que seria este quase-conceito: uma disseminação contínua de inscrições como acontecimentos, em suportes materiais, com seus sentidos singulares, decorrentes de seu arquivamento em dada mídia. Sentidos que se transformam uma vez mais ao serem re-iterados, capturados por um destinatário nalgum momento, ainda que não um destinatário desejado. A comunicação não teria princípio ou fim; e desdobraria-se sempre em mais comunicação, em *outras* comunicações.

Dáí podermos retornar aquele *medo* de que Derrida falava e pelo qual começamos. Por ele encerramos, também, resgatando a noção de uma *responsabilidade epistemológica* para se pensar essa disseminação contínua da Comunicação; se não é possível controlar os destinos das mensagens, sempre se fala demais ou se fala muito pouco, mas se é inevitável que falemos, que compreendamos os mecanismos a animar estes signos.

## Referências

- ABREU, Luis Felipe Silveira de. “**A linguagem não pertence**”: fantasmas da propriedade em escrituras contemporâneas. 2019. Exame de qualificação para Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.
- COLLING, Giovana dos Passos. **Correspondências secretas**: a desconstrução escritural nos postais do *PostSecret*. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social - hab. em Publicidade e Propaganda) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.
- DERRIDA, Jacques; FERRARIS, Maurizio. **O gosto do segredo**. Lisboa: Fim de Século, 2006.
- DERRIDA, Jacques; STIEGLER, Bernard. **Echographies of television**. Cambridge: Polity Press, 2002.
- DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- DERRIDA, Jacques. **Copy, archive, signature**. A Conversation on Photography. Stanford: Stanford University Press, 2010.

- DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura**: uma entrevista com Jacques Derrida. Belo Horizonte: UFMG: 2018.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- DERRIDA, Jacques. **Limited Inc**. Campinas: Papyrus, 1991a.
- DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo**: uma impressão freudiana. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001a.
- DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia**. São Paulo: Papyrus, 1991b.
- DERRIDA, Jacques. **O cartão-postal**: de Sócrates a Freud e além. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- DERRIDA, Jacques. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001b.
- DERRIDA, Jacques. **Without Alibi**. Stanford: Stanford University Press, 2002.
- GIRARDI JÚNIOR, Liráucio. O Estranho Mundo da Informação – e da Materialidade – no campo da Comunicação. **Anais do XXV Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O escavador de silêncios**: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação – Nova teoria da comunicação II. São Paulo: Paulus, 2004.
- MARCONDES FILHO, Ciro. Sobre o tempo de incubação na vivência comunicacional. **Anais do XXV Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. A dissolução dos estudos culturais: consenso genealógico e indefinição epistemológica. **Anais do XIX Encontro da Compós**, PUC-RJ, , Rio de Janeiro, 2009.
- MASIP, Fernando García. **Comunicação e desconstrução**: o *comceito* de comunicação a partir da obra de Jacques Derrida. Salvador: UFBA, 2014.
- PINTO NETO, Moysés. O conceito de escritura em Derrida e a gramatologia da sua época. **Veritas**, v. 62, n. 2, 2017. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/27656>>.
- YAMAMOTO, Eduardo Yuji. Sobre o conceito de comunidade na comunicação. **Anais do XXII Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.